

**TRADUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS DE PORTUGUÊS  
PARA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:  
O EMPREGO DE ELEMENTOS DO DESIGN EDITORIAL  
COMO SOLUÇÕES TRADUTÓRIAS**

***TRANSLATION OF ACADEMIC TEXTS FROM PORTUGUESE TO  
BRAZILIAN SIGN LANGUAGE:  
THE USE OF EDITORIAL DESIGN ELEMENTS AS  
TRANSLATING SOLUTIONS***

*Natália Schleder Rigo*

**RESUMO:** O tópico central de discussão deste artigo é a tradução de português para Língua Brasileira de Sinais (Libras) de textos acadêmicos, considerando o vídeo como registro da língua-alvo. O objetivo deste trabalho é apresentar e comentar alguns exemplos de soluções tradutórias empregadas a partir do uso de elementos do design editorial. Os exemplos foram retirados do projeto de tradução comentada de Rigo (2012) no qual envolveu a tradução de português para Libras do artigo científico: “*Traduzibilidade Poética na Interface Libras-Português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em ‘Bandeira Brasileira’ de Pimenta (1999)*” de autoria de Saulo Xavier de Souza, publicado em 2009 no livro *Estudos Surdos IV* da Editora Arara Azul. Tal projeto foi proposto como trabalho de conclusão de curso aos acadêmicos das turmas de 2008-2012 do curso de Bacharelado em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As soluções tradutórias são neste artigo apresentadas de forma descritiva e os comentários baseiam-se em Krusser (2017). Esse trabalho situa-se dentro do campo teórico dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Tradução em Língua de Sinais e contribui com aspectos práticos e teóricos para traduções de textos acadêmicos envolvendo o vídeo como forma de registro do texto de chegada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução, Textos Acadêmicos, Libras, Soluções Tradutórias.

**ABSTRACT:** The central topic of discussion of this article is the translation of academic texts from Portuguese to Brazilian Sign Language (Libras), considering video recording as the register of the target language. The aim of this paper is to present and comment on some examples of translating solutions based on the use of editorial design elements. The examples were taken from Rigo's (2012) commented translation project, which involved a translation from Portuguese into Libras of the the scientific article: “*Poetic translatability in the Interface Libras - Portuguese:*

*linguistic and translational aspects based on Pimenta's work 'Brazilian Flag' (1999)*”, authored by Saulo Xavier de Souza, published in 2009 in the book Deaf Studies IV of Editora Arara Azul. The mentioned project was designated as a course completion work for the 2008-2012 classes of the undergraduate course of Letter-Libras of the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Translated solutions are presented descriptively and the comments are grounded on Krusser's (2013). This work is located within the theoretical field of Translation Studies and Translation Studies in Sign Language Research and contributes with practical and theoretical data for the translation of academic texts with the use of video recording as a way of registering of the text of arrival.

**KEYWORDS:** Translation. Academic Texts. Libras. Translating Solutions.

## 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar e comentar exemplos de soluções tradutórias empregadas a partir do uso de elementos do design editorial na tradução de um texto acadêmico de português para Língua Brasileira de Sinais (Libras). Os exemplos aqui apresentados fazem parte do projeto de tradução comentada de Rigo (2012), oriundo do trabalho de conclusão de curso da autora/tradutora proposto aos acadêmicos do curso de Bacharelado em Letras-Libras a distância da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tal projeto compreendeu a tradução de um dos artigos científicos publicados pela Editora Arara Azul<sup>1</sup> na coleção Estudos Surdos.

O artigo escolhido por Rigo (2012) para o projeto de tradução foi o texto de Saulo Xavier de Souza intitulado: *Traduzibilidade Poética na Interface Libras-Português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em “Bandeira Brasileira” de Pimenta (1999)*, publicado em 2009 no livro Estudos Surdos IV. No projeto realizado, o texto de Souza (2009) publicado em língua portuguesa em livro impresso foi traduzido para Libras em sua modalidade oral. O texto de chegada foi registrado por meio de vídeo disponibilizado em disco (DVDs) e publicado em formato digital<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> <http://editora-arara-azul.com.br/site/e-books>. Acesso: maio de 2018.

<sup>2</sup> <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122210>. Acesso: maio de 2018.

Considerando que o primeiro curso de Bacharelado em Letras-Libras oferecido pela UFSC foi realizado por meio da modalidade à distância, o número de projetos<sup>3</sup> de traduções comentadas de artigos de português para Libras foi bastante expressivo, já que quinze polos (com aproximadamente 30 alunos em cada turma) estiveram envolvidos nesta proposta. Esses projetos de tradução impulsionaram significativamente algumas reflexões sobre a prática de tradução de textos acadêmicos envolvendo a língua portuguesa em sua modalidade escrita e a língua de sinais em sua modalidade sinalizada.

Enquanto instituição, com um importante histórico de contribuições para área de Libras, a UFSC foi responsável por inúmeros trabalhos de tradução envolvendo textos acadêmicos. Trabalhos esses que começaram a ser realizados antes mesmo dos projetos de tradução comentada propostos aos bacharelados em 2012. O próprio material fornecido pelo curso, por exemplo, era todo traduzido para Libras por uma equipe de tradução. Essa equipe era “responsável pela tradução de textos-base de cada disciplina, provas, atividades, bem como dos DVDs do curso. Além dos materiais pedagógicos, também foram traduzidos editais, regimento do curso, informações complementares e o próprio exame de vestibular pra ingresso na graduação em Letras-Libras” (OLIVEIRA e SILVA, 2015, pg. 94).

Com o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos trabalhos da equipe, não só os tradutores, mas também suas práticas e suas produções passaram a ser enxergados à luz de uma perspectiva teórica, tornando-se então objeto de pesquisa de investigações acadêmicas. Em 2010, começaram a surgir vários estudos com foco na equipe de tradução do Letras-Libras da UFSC e seus trabalhos realizados. Conforme o mapeamento de Santos e Rigo (2016) observa-se que muitas dessas pesquisas foram realizadas por estudantes da própria instituição, como é o caso de Souza (2010), Avelar (2010), Segala (2010) e Oliveira (2015), hoje alunos egressos da universidade.

---

<sup>3</sup> <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104465>. Acesso: maio de 2018.

Foi diante desse cenário de ebulição de trabalhos de tradução no âmbito universitário e impulsionado pelas primeiras pesquisas sobre tradução de português para Libras de textos acadêmicos que o projeto de tradução comentada de Rigo (2012) surgiu. Este artigo, por sua vez, surge como um complemento ao trabalho da autora/tradutora, uma vez que retoma algumas das soluções tradutórias empregadas e as traz para uma reflexão atualizada com base nos apontamentos apresentados por Krusser (2017).

## 2. Breve Revisão da Literatura

Já é consenso entre os pesquisadores que a área dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS) filia-se aos Estudos da Tradução (VASCONCELLOS, 2010) e apresenta-se hoje como um forte campo consolidado no contexto nacional e internacional que, além de congregar fundamentos teóricos, os reconhecem e os projetam como importantes embasamentos aos estudos sobre tradução e interpretação em língua de sinais (SANTOS e RIGO, 2016, pg. 125). Um reflexo dessa consolidação é que “várias publicações recentes de renomados autores dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação mencionam as línguas de sinais e, por diversas vezes, tecem importantes considerações e reflexões” (RODRIGUES e BEER, 2015, pg. 22).

Partindo dos mapeamentos de Pereira (2010), Vasconcelos (2010) e Santos (2013), um breve levantamento complementar de pesquisas que abordam especificamente sobre tradução em língua de sinais é realizado por Rigo (2015, pg. 461). Nesse levantamento, a autora observa que, embora muitas pesquisas enfoquem a tradução de textos literários, o crescimento de investigações de forma geral é visível e enriquece a área dos ETILS.

De acordo com a autora:

A efervescência de pesquisas reflete a realidade crescente da atividade de tradução concretizada em diversos âmbitos e modalidades (tradução de livros e histórias literárias; materiais acadêmicos e didáticos; glossários; documentos institucionais,

editais de concursos e vestibulares, etc.), bem como os diferentes perfis de profissionais, entre eles, o tradutor surdo e sua atuação (RIGO, 2015, pg. 461).

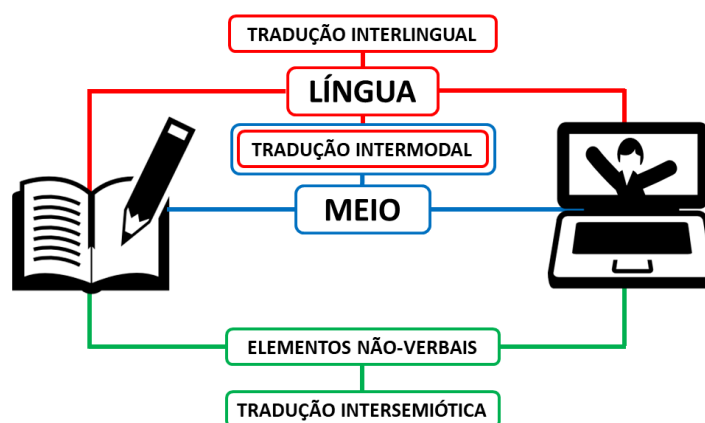
Em razão, no entanto, da “a jovialidade das línguas de sinais que ainda não possuem um sistema consolidado de escrita com circulação social efetiva e a demanda prioritária e intensa dos surdos pelo acesso à educação e aos demais serviços públicos” (RODRIGUES, 2018a, pg. 307), a atividade de interpretação ainda pode ser considerada como uma atividade mais comum que a atividade de tradução. Isso reflete também no tímido lugar das pesquisas envolvendo tradução na direção Libras-português (RIGO, 2015, pg. 462).

O projeto de tradução comentada realizado por Rigo (2012), como já mencionado, envolveu a língua portuguesa (vocal-auditiva) como língua-fonte e a Libras (gestual-visual) como língua-alvo da tradução. Conforme Segala (2010), Segala e Quadros (2015) e Rodrigues (2018a), entre outros autores, traduções envolvendo línguas de diferentes modalidades podem ser denominadas de *traduções intermodais*. O caráter intermodal da tradução em questão, também é reforçado pela diferença de modalidade de materialização das línguas e do meio de registro das mesmas. Isto é, a língua-fonte é materializada em sua modalidade escrita e apresentada por meio do livro impresso<sup>4</sup>. Já a língua-alvo é materializada em sua modalidade oral (sinalizada) e apresentada por meio do vídeo.

---

<sup>4</sup> O projeto de tradução de Rigo (2012) envolveu o emprego do livro impresso como meio de registro do texto de partida. Porém, ele pode ser acessado também em seu formato digital.

Figura 01: Tipos de tradução envolvidos no projeto de Rigo (2012)



Fonte: Desenvolvido pela Autora

Ao traçar um breve comparativo entre as atividades de tradução e interpretação intermodal, Rodrigues (2018a, pg. 308) caracteriza a primeira apontando ser uma prática menos comum e que, gradativamente, vem ganhando espaço e destaque, sobretudo no contexto acadêmico. Na tradução intermodal, conforme o autor, frequentemente os materiais apresentam o texto de partida (ou parte dele) junto ao de chegada, por exemplo, quando acontece o uso de *legendas* na tradução para vídeos. Ainda conforme Rodrigues (2018a, pg. 308), como a língua de sinais ainda não apresenta um sistema de escrita consolidado e difundido socialmente, emprega-se a versão oral registrada em vídeo em diversos processos tradutórios, o que torna a figura do tradutor visível. Vale complementar que a discussão sobre a visibilidade do tradutor foi introduzida por Quadros e Souza (2008) ao pensarem sobre a figura do tradutor enquanto ator e concluírem que esse tipo de prática se configura como *performance visual*.

Outros estudos também apontam sobre as inúmeras implicações da atividade tradutória intermodal e seus desdobramentos. Rodrigues (2018b), por exemplo, levanta uma reflexão sobre competências em tradução e línguas de sinais e aponta implicações para uma possível competência tradutória intermodal.

Para Segala (2010) e Segala e Quadros (2015) a tradução intermodal também pode ser caracterizada como *tradução intersemiótica*, além de ser, naturalmente, também uma *tradução interlingual* (SEGALA, 2010) ou *interlinguística* (SEGALA e QUADROS, 2015) ao envolver línguas diferentes.

Segala (2010) e Segala e Quadros (2015) baseiam-se na categorização de Jakobson (2010) para distinguir o tipo de *tradução intersemiótica*. A tradução intersemiótica é pensada pelos autores considerando os elementos não verbais do texto de partida, sejam eles informações semióticas ou recursos visuais intrínsecos da modalidade da língua de sinais. A tradução desses elementos não verbais é aprofundada por Krusser (2017) ao enxergar no design editorial recursos possíveis de serem empregados como soluções de traduções elaboradas com base nos pressupostos de Nord (1999).

Com exceção do Método Gish<sup>5</sup> empregado em seu projeto de tradução, as demais referências teóricas e metodológicas trazidas por Rigo (2012) pautaram-se em modelos, categorizações e procedimentos propostos por autores dos Estudos da Tradução que pensam o fazer tradutório a partir de línguas de mesma modalidade, ou seja, traduções intramodais ou monomodais (RODRIGUES, 2018a, pg. 295), tais como o modelo de análise textual de Nord (1991) e os procedimentos de tradução de Vinay e Darbelnet (1958 *apud* Barbosa, 2004), Barbosa (2004) e Backer (1992).

Considerando a publicação e a circulação de novos e importantes embasamentos teóricos sobre tradução e interpretação em língua de sinais, vale aqui repensar algumas reflexões e soluções empregadas por Rigo (2012) com base em publicações mais recentes que compartilham do mesmo objeto de estudo e discussão: a tradução de português para Libras de textos registrados em vídeo. Esse repensar<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Esse método foi proposto em 1987 por Sandra Gish, pesquisadora da área dos Estudos da Interpretação em Língua de Sinais e consiste na utilização de diagramas para visualização das relações entre as ideias do texto. “O intérprete utiliza esta estrutura para desenvolver a capacidade de identificar o objetivo e tema de um falante e reconhecer a relação do texto para o tema e objetivo” (RUDNER, PEREIRA e PATERNO, 2010, pg. 4).

<sup>6</sup> Um repensar atual e mais aprofundado sobre as soluções tradutórias da autora/tradutora referentes aos aspectos linguísticos em especial, poderá ser verificado no artigo: *Tradução Interlingual e Intermodal de Textos Acadêmicos em Libras: soluções linguísticas e tradutórias empregadas em Rigo*

focará os elementos não verbais do texto de partida traduzidos para o texto de chegada a partir do emprego de elementos do design editorial apontados por Krusser (2017).

### 3. O Projeto de Tradução Comentada de Rigo (2012)

Como antes mencionado, o projeto de tradução comentada de Rigo (2012) originou-se do trabalho de conclusão de curso proposto aos acadêmicos do curso de Bacharelado em Letras-Libras da UFSC. As professoras orientadoras Audrei Gesser, Ronice Müller de Quadros e Silvana Aguiar dos Santos, ministrantes da então disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) incumbiram os alunos de escolher um artigo da coleção Estudos Surdos a fim de realizar uma tradução para Libras visando à produção de um vídeo como meio de registro e publicação do texto traduzido. Para o projeto de tradução, as professoras indicaram aos acadêmicos o modelo de tradução orientada para análise de textos proposto pela autora alemã Christiane Nord (1991). Esse modelo compreende as ideias dos teóricos funcionalistas dos Estudos da Tradução Hans Vermeer e Katharina Reiss e é voltado para formação de tradutores e para aplicação no processo de tradução. Fatores extratextuais e intratextuais compõem esse modelo de forma que os aspectos situacionais do texto de partida e de chegada sejam mapeados e relacionados entre si (NORD, 2016).

Desse modo, no trabalho de Rigo (2012), a análise textual do texto de partida é apresentada, seguida de exemplos comentados de algumas soluções tradutórias empregadas pela autora/tradutora. Esses exemplos estão organizados a partir de uma divisão feita em duas etapas (que são também passos do procedimento metodológico do projeto em si), a saber: *Etapa I – Produção do Texto Traduzido* (com exemplos de soluções tradutórias referentes a elementos verbais e aspectos linguísticos) e *Etapa II*

---

(2012); submetido para publicação na Revista Belas Infiéis, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) da Universidade de Brasília (UnB). <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/index>.



– *Produção do Registro do Texto Traduzido* (com exemplos de soluções tradutórias referentes a elementos não verbais).

Os exemplos comentados na segunda etapa do projeto de tradução de Rigo (2012) foram apresentados em seu trabalho em três categorias, a saber: *Elementos de Destaque, Ilustrações e Referências*. Neste artigo, porém propõem-se uma reorganização na apresentação desses exemplos, considerando os elementos do design editorial listados por Krusser (2017).

#### 4. Elementos do Design Editorial como Soluções Tradutórias

Na tentativa de preservar no texto de chegada a função dos elementos não verbais e as informações semióticas do texto de partida, Rigo (2012) consultou produções acadêmicas similares disponibilizadas em Libras a fim de tê-las como referência para sua tradução. Desta forma, valeu-se dos textos acadêmicos<sup>7</sup> do curso de Letras-Libras da UFSC e das normas técnicas da Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras<sup>8</sup>.

Nas soluções tradutórias adotadas, a autora/tradutora buscou não uma equivalência formal – uma vez que, conforme Krusser (2017, pg. 30), a legibilidade, usabilidade e significação do texto de chegada em vídeo poderiam sofrer prejuízos, caso a alteração do meio de registro não fosse levada em consideração –, mas uma proximidade entre os elementos não verbais do texto de partida, de forma a preservar no texto de chegada as características do gênero textual acadêmico e seu domínio discursivo instrucional (MARCUSHI, 2008, pg. 194).

Krusser (2017, pg. 30) exemplifica sobre o funcionamento ineficaz de uma simples substituição dos elementos não verbais no texto de partida no texto de chegada sem que os meios (veículos que conduzem o texto) sejam levados em consideração:

---

<sup>7</sup> Coleção Letras-Libras: <https://libras.ufsc.br/old/public/colecaoletraslibras/>. Acesso em: maio de 2018.

<sup>8</sup> <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>. Acesso em: maio de 2018.

Não estaríamos favorecendo a leitura se substituíssemos o lugar ocupado pelos blocos de textos por janelas com a interpretação em língua de sinais mantendo as proporções, cores e a distribuição espacial de margens, imagens, títulos, etc. As posições e proporções poderiam inviabilizar a leitura, tornando a sinalização ilegível. As cores poderiam ser claras demais para um contraste eficaz, caso o intérprete tivesse pele clara, por exemplo. Além disso, a inserção de uma imagem em movimento (vídeo em Libras) atrairia fortemente a atenção e transformaria a composição alterando o peso visual dos elementos e a relação entre eles.

Com base em Nord (1999), durante a análise textual do texto de partida, Rigo (2012) distinguiu os elementos não verbais (paralinguísticos e não linguísticos) entre os que acompanhavam o texto (layout) daqueles que complementavam o texto (tabelas) e também daqueles que constituíam uma parte textual independente (figuras). Assim como bem fez Krusser (2017), a autora/tradutora buscou por soluções tradutórias que pudessem manter a correspondência entre esses elementos, suas características e funções dentro do texto de chegada. Ciente das implicações de diferença dos meios de registro, Rigo (2012) valeu-se de elementos como: *cor*, *destaques*, *notas*, *citações*, *legendas*, *imagem*, *vídeo* – considerados por Krusser (2017) como elementos do design editorial – para produção do texto de chegada.

#### 4.1. Cores

De acordo com Krusser (2017, pg. 68) a escolha das *cores* é importante na composição do texto de chegada, uma vez que influenciará na legibilidade do leitor/espectador. As *cores* podem contribuir na organização das informações, favorecendo uma compreensão visual da ideia geral do que o conteúdo pretende transmitir. Conforme a autora, “as cores podem influenciar a leitura, intelectualmente e emocionalmente, promover maior concentração ou provocar cansaço e desinteresse” (Ibid., pg. 68).

Rigo (2012) considerou a *cor* dos seguintes recursos: fundo, vestimenta e tipografia (das notas, citações e legendas). De acordo com as normas da Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras, o fundo para as gravações de vídeos em Libras deve ser de *cor branca*, neutro, sem desenhos ou quaisquer outros elementos

que possam desviar a atenção do leitor/espectador. Na tradução de Rigo (2012) o fundo neutro, sem desenho, de *cor azul* foi escolhido. Embora não siga as recomendações da Revista, a *cor azul* é frequentemente usada em traduções de textos acadêmicos produzidas pelo curso de Letras-Libras da UFSC, bem como em traduções de editais de várias outras instituições de ensino (SILVA, 2013)<sup>9</sup>.

Da esquerda para direita verifica-se nas imagens abaixo o emprego do fundo na *cor azul* nas traduções de textos acadêmicos do curso de Letras-Libras da UFSC, na *cor branca* nas orientações da Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras, e na *cor azul* escolhida por Rigo (2012) em sua tradução.

Figura 02: Cor de Fundo empregada por Rigo (2012)



Fonte: Letras-Libras / Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras / Rigo (2012)

Assim como Krusser (2017), partindo dos pressupostos de Nord (1999, 2016), Rigo (2012) buscou, no texto de chegada, preservar as funções dos elementos não verbais do texto de partida. Para destaque e diferenciação das informações textuais no que tange: *títulos*, *subtítulos*, *parágrafos* e *citação direta*, a autora/tradutora optou pelo uso de vestimenta com contraste visual equilibrado. Seguindo, em parte<sup>10</sup>, as normas da Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras, a autora/tradutora usou camisa de *cor branca* para *títulos e subtítulos*, camisa de *cor preta* para *parágrafos* e camisa de *cor vermelha* para *citações diretas*. As cores da vestimenta foram pensadas buscando uma harmonização entre elas e também entre a cor do fundo e da pele da autora/tradutora.

<sup>9</sup> Outras cores de fundo são também empregadas em traduções de/e textos acadêmicos em Libras.

<sup>10</sup> A cor do figurino orientada pela Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras para destaque de *títulos e subtítulos* é a *cor azul marinho*, considerando o contraste com o fundo *branco*.

Figura 03: Cor da Vestimenta empregada por Rigo (2012)



Fonte: Desenvolvido pela Autora

Conforme o estudo de Pfyers (1999 *apud* Krusser, 2017, pg. 69), o projeto *Signing Books for the Deaf*, mostrou que o emprego do fundo neutro e a escolha por cores mais claras (azuis e cinzas) foram mais acertadas e, portanto, mais aceitáveis entre os surdos participantes do estudo. Já o uso de cores mais escuras foi preferível para as vestimentas. Neste mesmo estudo pontuou-se ainda a necessidade pelo cuidado com o contraste entre as cores do fundo, vestimenta e pele do sinalizante que, por sua vez, podem sofrer variações a depender da iluminação usada durante a gravação.

Enquanto elemento do design editorial a *cor* pode ser entendida como solução tradutória intersemiótica para textos acadêmicos em Libras. Embora sugira preservar as funções dos elementos não verbais do texto de partida, funcionando como recurso para destaques e diferenciações na composição do texto de chegada, a *cor* deverá ser avaliada e sua aplicação bem pensada, uma vez que a harmonização entre todas as

informações visuais serão fundamentais para uma adequação e aceitação (SILVA, 2013, pg. 51) do texto de chegada.

#### 4.2. Destaques, Notas, Citações e Legendas.

Conforme Krusser (2017, pg. 72), alguns elementos gráficos que servem para destacar, organizar ou conduzir o olhar do leitor/espectador também podem ser bastante úteis de serem explorados no vídeo em Libras. De acordo com a autora, “marcadores para indicar itens em uma lista, elementos gráficos para indicar tópicos, diferentes cores para capítulos diferentes, ícones para diferenciar temas são exemplos de recursos muito eficientes para orientação e para apresentar informações de forma mais visual” (Ibid., pg. 72).

Da esquerda para direita, é possível verificar as soluções tradutórias empregadas por Rigo (2012) a partir do uso da *legenda* para destacar respectivamente: *nome de autores*, *nota de rodapé* e *referência de citação*. Além desses destaques, o emprego da *legenda* também foi feito pela autora/tradutora para *glosas* e *termos do glossário*. A tipografia (fonte, cor, tamanho, espaçamento, estilo) das *legendas* pode variar conforme a necessidade de uso.

Figura 04: Legendas empregadas por Rigo (2012)



Fonte: Rigo (2012)

Enquanto elemento do design editorial a *legenda* pode ser entendida como um recurso dinâmico de solução tradutória para textos acadêmicos em Libras. O uso de *legendas* na tradução de Rigo (2012) permite observar que esse elemento pode assumir várias funções no texto de chegada, entre elas a função de: *complementação* (quando a informação não foi sinalizada, ou seja, foi omitida propositalmente ou não

pelo tradutor); *repetição para reforço* (quando a informação já foi sinalizada, mas precisa ser reforçada – em caso de velocidade inadequada de sinalização ou longa extensão da informação) e de *repetição de destaque* (quando a informação já foi sinalizada, mas precisa ser destacada para clareza da estrutura textual e diferenciação dos elementos textuais não verbais no texto de partida).

Independentemente da função que a *legenda* assuma, é importante considerar que ela corresponda ao que se apresenta no texto de partida e ao que é sinalizado no texto de chegada. De acordo com Krusser (2017, pg. 73):

No que se refere ao uso de legendas junto com a sinalização, o resultado do projeto *Signing Books for the Deaf* recomenda que elas devam refletir fielmente o que está sendo dito, e a opção por suprimir as legendas é importante já que para alguns surdos elas distraem e interferem na leitura da língua de sinais (PYFERS, 1999). Os elementos visuais complementares e os destaques no texto são ricos para serem explorados graficamente, tanto no texto escrito como em língua de sinais, e podem ser usados com criatividade e originalidade para atrair a atenção e marcar a identidade da publicação.

Com relação às *notas* de rodapé é possível verificar na tradução de Rigo (2012) que a autora/tradutora optou por não incluir o sinal NOTA-DE-RODAPÉ no meio da sinalização. A inclusão do sinal, seguida de sua descrição, poderia atrapalhar o fluxo das informações trazidas e quebrar a sequência da sinalização. As *notas* de rodapé nem sempre são empregadas no final de uma sentença ou parágrafo e, incluir a descrição da nota do corpo do texto, pode gerar prejuízos de coerência e fluidez textual.

Conforme Krusser (2017, pg. 72-73) as *notas* são um problema gráfico que merecem atenção. No texto de partida, elas são sempre relegadas a textos secundários em tamanho pequeno no final da página ou final do texto, embora ganhem vida quando dispostas ao lado da parte do texto que faz referência a elas.

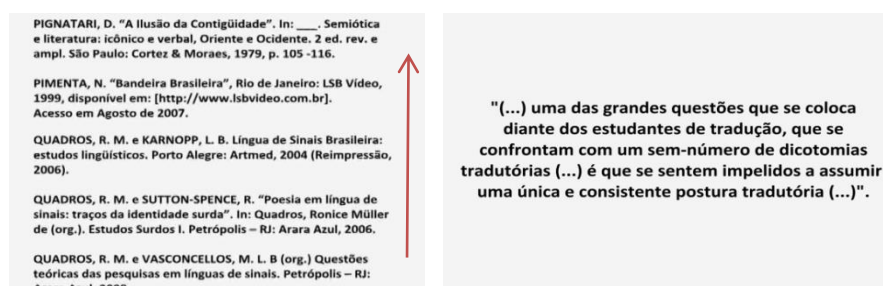
No vídeo será necessário escolher o momento de interromper a interpretação para apresentar esse texto, o que pode interferir no ritmo de leitura e na compreensão do texto. Pode ser útil trabalhar com recursos interativos no vídeo. Permitir o acesso por links, que ao serem clicados

abrem outras janelas com as notas de rodapé, por exemplo, é uma solução interessante, mas é importante que sejam posicionadas de forma que sua função fique clara, que tenham opção para fechamento e que o vídeo principal seja interrompido durante esse momento (KRUSSE, 2017, pg. 73).

Assim como Castro (2012) empregou na produção em Libras de sua dissertação de mestrado é possível se valer também de outros elementos do design editorial como soluções tradutórias de *notas* de rodapé ou citações em textos acadêmicos em língua de sinais. Conforme Krusser (2017, pg. 72) é possível “usar mudanças de cores no fundo do vídeo pra indicar um quadro com destaque, por exemplo, ou uma citação”.

Quanto às *referências bibliográficas* considerou-se em Rigo (2012) inviável traduzir todas as obras e suas informações técnicas na língua-alvo, bem como inviável usar *legendas* para apresentar as informações na língua-fonte. As *referências bibliográficas* foram inseridas, portanto, na língua-fonte no formato de *créditos*, buscando uma configuração textual próxima da que foram empregadas no texto de partida, seguindo as normas ABNT. Essa mesma solução foi empregada para as *citações* diretas também apresentadas na língua-fonte precedidas da sinalização na língua-alvo com a vestimenta de *cor vermelha*.

Figura 05: Referências e Citações Empregadas por Rigo (2012)



Fonte: Rigo (2012)

Conforme Krusser (2017, pg. 74) a ficha catalográfica e as referências bibliográficas também são elementos que podem ser apresentados na língua-fonte no texto de chegada, mesmo que praticamente todo o texto esteja apresentado na língua-

alvo. De acordo com a autora, pode ser importante para se usar em citações e referências bibliográficas, isto é, também para oferecer ao leitor/espectador a possibilidade de acesso às referências bibliográficas e citações na forma que costuma ser empregada no texto de partida.

### 4.3. Vídeo e Imagem

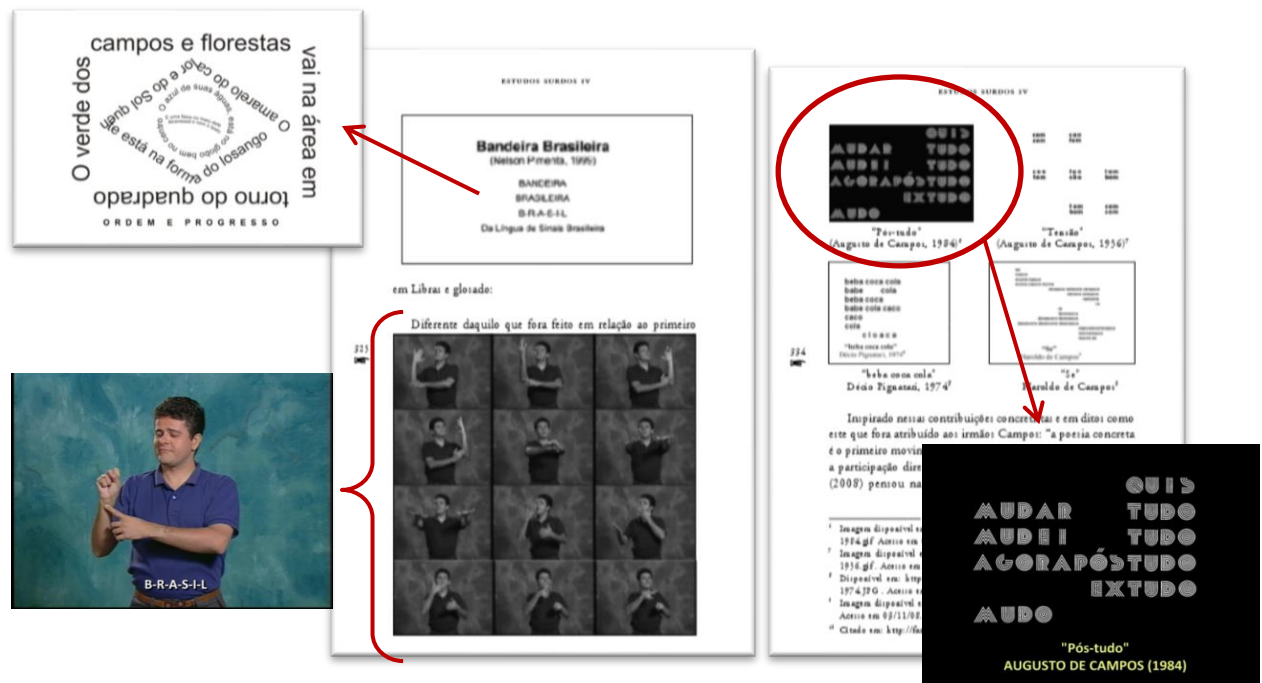
De acordo com Krusser (2017, pg. 76) “as imagens em movimento que podem ser usadas nos textos digitais são ainda mais ricas para acompanharem os textos em língua de sinais que também se desenvolvem no tempo do vídeo”. Conforme a autora, diferentes recursos podem ser explorados, sejam animações integradas à tradução, vídeos de fundo, vinhetas ou elementos gráficos animados para complementar o texto ou destacar alguma informação.

Na análise textual de Rigo (2012) foi observado que o texto de partida continha três tipos de imagens, a saber: imagens em frames do vídeo da poesia *Bandeira Brasileira* de Pimenta (1999); imagens dos fragmentos do esboço de tradução da poesia e, também, imagens de poesias concretistas usadas por Souza (2009) como exemplos em seu artigo. Como solução tradutória, o vídeo original de Pimenta (1999) foi empregado na tradução de Rigo (2012), bem como a transferência de todas as imagens usadas por Souza (2009).

Assim, os trechos do vídeo de Pimenta (1999) usados no texto de partida no formato de imagens estáticas em frames, puderam ser recuperados em seu meio original no texto de chegada, de modo a preservar as propriedades da modalidade da língua-alvo, sua dinâmica e organização multidimensional. Da mesma forma, as imagens dos fragmentos do esboço de tradução da poesia e as imagens das poesias concretistas usadas como exemplos por Souza (2009) também foram usadas em sua forma de apresentação original no texto de chegada.



Figura 06: Vídeos e Imagens empregadas em Rigo (2012)



Fonte: Desenvolvido pela Autora

A inserção de *vídeos* e *imagens* como elementos do design editorial na tradução de textos acadêmicos em Libras pode ser uma solução tradutória dinâmica, considerando a adequabilidade e aceitabilidade (SILVA, 2013, pg. 51), uma vez que possibilita o leitor/espectador acessar de forma direta no texto de chegada o material original citado pelo autor do texto de partida.

Vale complementar que, de acordo com a verificação de Pyfers (1999 *apud* Krusser 2017, pg. 72) no projeto *Signing Books for the Deaf* o uso de *vídeos* ou *imagens* foi considerado favorável para complementar a mensagem e facilitar a compreensão do conteúdo, em especial, para fins de navegação e adicionar interesse visual ao surdo. Esses elementos, porém, não devem interferir na sinalização do tradutor. Assim, aconselha-se o uso de imagens simples e para o caso de imagens muito detalhadas ou complexas sugere-se que sejam mostradas em partes ou com ampliação de detalhes específicos (PYFERS, 1999 *apud* KRUSSER, 2017, pg. 72).

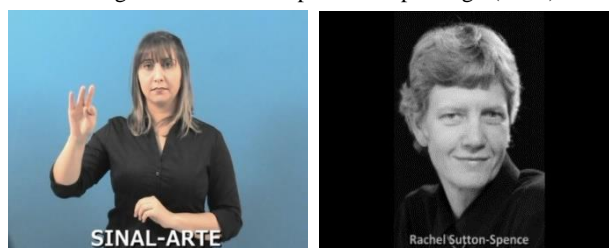
Krusser (2017, pg. 70) afirma que para o uso de *vídeos* e *imagens* como soluções tradutórias para textos em Libras, é necessário um planejamento que garanta a interação do conteúdo sinalizado com esses elementos, considerando as influências mútuas. Essa relação entre o *vídeo* e as *imagens* com o texto sinalizado precisará ser pensada levando em consideração a organização e a apresentação de todos esses aspectos. Isso porque, conforme Krusser (2017, pg. 70), se o vídeo apresentar as imagens simultaneamente ao texto sinalizado, o desvio do olhar do leitor/espectador pode acarretar perdas de partes do conteúdo. É importante, desta forma, planejar pausas na sinalização, uma vez que a interrupção do texto também poderá desconcentrar o leitor/espectador e desmotivá-lo a continuar sua leitura.

#### 4.4. Glossário e Identidade Visual

O projeto de tradução de Rigo (2012) contemplou também a produção de um *glossário*, ou seja, um vídeo complementar para consulta do leitor/espectador de caráter elucidatório. O *glossário* produzido pela autora/tradutora apresentou alguns termos e suas respectivas definições, bem como alguns antropônimos de autores e teóricos usados no texto de partida complementado com uma breve apresentação e sinal de identificação.

A produção de um *glossário* num projeto de tradução pode ser entendida como um material complementar de apoio ao leitor/espectador. É proposto para uso como um veículo de explicação e conceituação de determinados termos empregados no texto de partida que, muitas vezes, não são compreendidos por meio do texto de chegada. No *glossário* de Rigo (2012) algumas imagens foram inseridas, sobretudo, quando os autores mencionados no texto de partida eram apresentados. A escolha pelo emprego dessas imagens (fotografias dos autores) foi feita pela autora/tradutora levando em consideração, dentre outros aspectos, a experiência visual do leitor/espectador do texto de chegada.

Figura 07: Glossário produzido por Rigo (2012)



Fonte: Rigo (2012)

Assim como pontua Krusser (2017, pg. 73), vale considerar que alguns leitores/espectadores podem ter, por inúmeras razões, um vocabulário restrito no que tange tanto a língua-fonte do texto de partida (também presente nas legendas e citações diretas no texto de chegada), como também a própria língua-alvo do texto de chegada. Além disso, também pelo caráter de jovialidade da língua-alvo, muitos termos são criados e passam a ser, aos poucos, convencionados dentro das comunidades surdas, podendo ser, portanto, desconhecidos por muitos leitores/espectadores. Em decorrência disso, e de outros possíveis fatores, observa-se ser comum o uso de *glossários* em publicações que envolvam textos em Libras, seja em sua modalidade oral ou escrita.

Nesse contexto, cabe compartilhar o que considera Santos (2013, pg. 121) sobre a importância de *glossários* em traduções para as línguas envolvidas na atividade tradutória. Conforme a autora, a “ação de traduzir textos de uma língua para outra enriquece a própria língua por meio de glossários, dicionários, expansão de novos léxicos, terminologia técnica, neologismos e técnicas de tradução” (SANTOS, 2013, pg. 121). Pode-se dizer, diante disso, que o projeto de tradução de Rigo (2012) contribuiu significativamente com esses aspectos, uma vez que compreendeu não só a produção de um *glossário* como material complementar, mas também auxiliou na expansão de novos léxicos, neologismos e gerou uma reflexão sobre possíveis soluções tradutórias de serem empregadas.

Os elementos do design editorial na tradução de textos em Libras também podem estar presentes na forma de apresentação do texto de chegada. Ao considerar

demais elementos não verbais presentes no texto de partida, em especial, elementos presentes na capa do livro no qual o artigo científico de Souza (2009) foi publicado, observa-se que Rigo (2012) buscou preservar também esses elementos no produto final gerado.

Figura 08: Identidade Visual preservada em Rigo (2012)



Fonte: Desenvolvido pela Autora

Conforme Krusser (2017, pg. 56-57) “na tradução de um texto escrito para língua de sinais podemos manter a identidade visual do material original utilizando elementos gráficos semelhantes e adotando um estilo com características em comum”. Por outro lado “a escolha de não manter a identidade visual da publicação original também é possível, e é isso que encontramos em muitas traduções para a língua de sinais que desconsideram o design do texto original e criam uma configuração específica para o vídeo” (KRUSSER, 2017, pg. 57).

## 5. Considerações Finais

O tema central de discussão deste artigo refere-se à tradução de textos acadêmicos em língua de sinais. Objetivou-se apresentar e comentar alguns exemplos de soluções tradutórias empregadas a partir do uso de elementos do design editorial.

O projeto de tradução, cujos exemplos foram retirados para apresentação e reflexão, originou-se do trabalho de conclusão de curso de Rigo (2012). O projeto de tradução em questão envolveu a tradução do artigo científico de Souza (2009) para Libras, por meio do registro em vídeo.

Os comentários tecidos neste artigo sobre os exemplos de soluções tradutórias empregadas por Rigo (2012) foram embasados nas considerações de Krusser (2017), uma vez que sua recente investigação traz apontamentos pertinentes para reflexão sobre o uso de elementos do design de editoração – tais como: *cor, destaques, notas, citações, legendas, vídeos, imagens, etc.* – enquanto recursos de tradução possíveis para composição de textos em Libras.

Assim como o trabalho de Krusser (2017), o projeto de tradução comentada de Rigo (2012) pautou-se também no modelo de análise textual de Christiane Nord (1991 e 2016). Na busca por preservar no texto de chegada as características e funções dos elementos não verbais do texto de partida, Rigo (2012) buscou por soluções tradutórias que considerassem a adequação e aceitação (SILVA, 2013, pg. 51) do texto pelo leitor/espectador. A cor foi usada no fundo e na vestimenta da autora/tradutora, buscando cumprir com uma função de destaque e diferenciação de elementos textuais no texto de chegada. Já a legenda também foi um recurso bastante dinâmico empregado na tradução de Rigo (2012), uma vez que possibilitou o uso de destaque, diferenciação dos elementos não verbais, bem como a indicação de notas de rodapé, de citações, etc. Com base em Krusser (2017), vídeos e imagens também foram considerados como soluções tradutórias eficazes para tradução de textos acadêmicos, assim como o emprego do glossário enquanto material complementar e a identidade visual do livro preservada na apresentação do vídeo enquanto produto final da tradução.

Sobre qualquer prática ou experiência tradutória é válido que se reflita criticamente e que se lance um olhar teórico. O olhar atento do tradutor sobre sua prática é indispensável, pois é justamente esse olhar que vai instigar novas perspectivas, novos caminhos e a expansão para um amadurecimento necessário da

prática. Foi a partir de um olhar atento que o projeto de tradução de Rigo (2012) foi concebido e, também, de um olhar teórico que as soluções tradutórias empregadas pela autora/tradutora foram neste artigo refletidas.

### Referências

AVELAR, T. F. *A questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal "cultura"*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Florianópolis, UFSC: 2010.

BAKER, M. *In Other Words. A coursebook on translation*. London/ New York: Routledge, 2011.

BARBOSA, H. G. *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2004.

CASTRO, N. P. *A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Florianópolis, UFSC: 2012.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KRUSSE, R. S. *Design Editorial na Tradução de Português para Libras*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2017.

MARCUSHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NORD, C. *Text Analysis in Translation. Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation Oriented Text Analysis*. Amsterdam: Rodopi, 1991.

\_\_\_\_\_. *Análise Textual em Tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. Tradução e Adaptação coordenadas por Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

OLIVEIRA, J. S. *Análise Descritiva da Estrutura Querológica de Unidades Terminológicas do Glossário Letras-Libras*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2015.

\_\_\_\_\_; SILVA, R. C. Equipe de tradução do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

PEREIRA, M. C. P. *Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e vestígios históricos*. Cadernos de Tradução XXVI: Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. Florianópolis: UFSC, 2010.

PIMENTA, N. *Bandeira Brasileira*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 1999.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras-Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Editora Arara-Azul, 2008.

RIGO, N. S. *Tradução Comentada: Traduzibilidade poética na interface libras-português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em "Bandeira Brasileira" de Pimenta (1999) de Saulo Xavier de Souza*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras). Florianópolis: UFSC, 2012.

\_\_\_\_\_. *Tradução de Libras para Português de Textos Acadêmicos: considerações sobre a prática*. Revista Cadernos de Tradução: Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais. v. 35. n. 2. Florianópolis: UFSC, 2015.

RODRIGUES, C. H.; BERR, H. *Os estudos da tradução e da interpretação de língua de sinais: novo campo disciplinar emergente?* Cadernos de Tradução: Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais. v. 35. n. 2. Florianópolis: UFSC, 2015.

\_\_\_\_\_. *Translation and Signed Language: highlighting the visual-gestural modality*. Cadernos de Tradução XXXVIII. v. 38. n. 2. Florianópolis: UFSC, 2018.

\_\_\_\_\_. *Competência em Tradução e Línguas de Sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal*. Trabalhos em Linguística Aplicada. n. 57. n. 1. Campinas: UNICAMP, 2018.

RUDNER, A. PEREIRA, M. C. P. e PATERNO, U. *Laboratório de Interpretação I*. Texto-Base do curso de graduação em Letras-Libras. Florianópolis: UFSC, 2010.

SANTOS, S. A. *Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2013.

\_\_\_\_\_; RIGO, N. R. *A Produção Acadêmica sobre Tradução e Interpretação de Libras de Egressos da Pós-Graduação da UFSC*. Revista Letras & Letras. v. 32. n.1. Uberlândia, UFU: 2016.

SEGALA, R. R. *Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: português brasileiro escrito para língua brasileira de sinais*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2010.

\_\_\_\_\_ ; QUADROS, R. M. Tradução Intermodal, Intersemiótica e Interlinguística de Textos Escritos em Português para Libras Oral. *Cadernos de Tradução: Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais*. v. 35. n. 2. Florianópolis: UFSC, 2015.

SILVA, R. C. *Indicadores de Formalidade no Gênero Monológico em Libras*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC: 2013.

SOUZA, S. X. Traduzibilidade Poética na Interface Libras-Português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em “Bandeira Brasileira” de Pimenta (1999). In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (Org.) *Estudos Surdos IV*. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

\_\_\_\_\_. *Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2010.

VASCONCELLOS, M. L. Tradução e interpretação de língua de sinais (TILS) na pós-graduação: a afiliação ao campo disciplinar Estudos da Tradução. In: QUADROS, R. M. (Org.) *Cadernos de Tradução XXVI: Tradução e Interpretação de Língua de Sinais*. Florianópolis: PGET/UFSC, 2010/2